Charles e Microsoft: os dois únicos reformadores laborais que não pediram parecer

Beatriz Vasconcelos · 15.11.2026

ECONOMIA · POLÍTICA · SOCIEDADE

A semana de quatro dias não promete preguiça. Promete o contrário: menos tempo a fingir que se trabalha e mais tempo para viver, nomeadamente para estar com os filhos num dia em que não há tempestade nem apagão a obrigar a isso. Porque

---

Portugal discute há anos se consegue funcionar quatro dias por semana. Esta semana, a tempestade Charles e a Microsoft decidiram fazer o teste por nós, sem consulta pública nem concertação social.

Na quarta-feira, pela primeira vez, as cerca de 8.000 escolas do país suspenderam as aulas por causa de uma previsão de tempestade. Os serviços públicos não essenciais fecharam e o Governo apelou ao teletrabalho sempre que possível. Em resumo: o país inteiro foi mandado para casa, com as crianças, e a economia, surpreendentemente, não evaporou.

Convém ser justo: não foi um dia de descanso. Foi um dia em que milhares de pais tentaram fazer uma videochamada com um miúdo de três anos pendurado na perna. Quem chama a isto «flexibilidade» nunca teve de explicar um projeto enquanto alguém pedia o quinto lanche. Mas serviu de demonstração involuntária: o trabalho que supostamente exigia cinco dias de presença obrigatória também se faz de pijama, em cima do sofá, com a casa a ser fustigada por ventos aparentes de 140 km/h.

> O trabalho que supostamente exigia cinco dias de presença obrigatória também se faz de pijama, em cima do sofá, com a casa a ser fustigada por ventos aparentes de 140 km/h.

No dia seguinte, por volta das 18h, a Microsoft quis acrescentar profundidade ao estudo. Uma falha informática à escala mundial deitou abaixo o Outlook, o Teams e o Copilot, e continuava a afetar milhões de utilizadores na sexta-feira. Mais de 70 países ficaram sem os serviços. Sem email, sem reuniões, sem o assistente de IA que ia fazer o nosso trabalho por nós.

E o mundo continuou a girar. Sem o Outlook, as empresas não colapsaram. Sem a vigésima reunião da semana, ninguém morreu. Descobrimos que boa parte do que enche o tempo de trabalho é ruído: cadeias de emails, reuniões que podiam ter sido uma frase, o «só para alinhar». Quando o ruído se desliga por falha técnica, o essencial continua lá, e cabe numa semana mais curta do que gostamos de admitir.

> Quando é a natureza ou um gigante tecnológico a impor a pausa, aceita-se com resignação. Quando alguém propõe organizá-la de forma inteligente, com planeamento e sem perda de salário, aparece

> logo um parecer a lembrar que «ainda é cedo».

Aqui está a parte que devia incomodar. Ninguém precisou de pedir autorização a uma comissão para deixar de funcionar a 100%. Bastou uma depressão atlântica e um suposto servidor avariado para o país trabalhar menos horas e com menos rituais. Quando é a natureza ou um gigante tecnológico a impor a pausa, aceita-se com resignação. Quando alguém propõe organizá-la de forma inteligente, com planeamento e sem perda de salário, aparece logo um parecer a lembrar que «ainda é cedo».

E os dados existem. No projeto-piloto de 2023, 41 empresas testaram a semana de quatro dias e apenas quatro quiseram voltar aos cinco. Nos Açores, a experiência na administração pública regional envolve cerca de 400 trabalhadores. Falta só o resto do país deixar de olhar para isto como uma excentricidade nórdica.

> A semana de quatro dias não promete preguiça. Promete o contrário: menos tempo a fingir que se trabalha e mais tempo para viver, nomeadamente para estar com os filhos num dia em que não há tempestade nem apagão a obrigar a isso.

A semana de quatro dias não promete preguiça. Promete o contrário: menos tempo a fingir que se trabalha e mais tempo para viver, nomeadamente para estar com os filhos num dia em que não há tempestade nem apagão a obrigar a isso. Porque a conciliação que Portugal descobriu esta semana, a de trabalhar com crianças em casa porque o céu caiu, não é conciliação.

É sobrevivência com Wi-Fi.
